

A CRÍTICA
LITERÁRIA
FEMINISTA
IBERO-AMERICANA

PERSPECTIVAS
TRANSATLÂNTICAS

Conselho Editorial

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra

Alice Áurea Penteado Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas – PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof – ULBRA/Canoas

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarelha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche – CAP- UERJ

Sara Reis da Silva – Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

ADRIANA APARECIDA DE FIGUEIREDO FIUZA
ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO
ENCARNACIÓN MEDINA ARJONA
MARIA DE FÁTIMA ALVES DE OLIVEIRA MARCARI
(ORGANIZADORAS)

A CRÍTICA
LITERÁRIA
FEMINISTA
IBERO-AMERICANA

PERSPECTIVAS
TRANSATLÂNTICAS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Crítica literária feminista ibero-americana : perspectivas transatlânticas / organização Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza...[et al.]. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

Outros autores: Alexandra Santos Pinheiro, Encarnación Medina Arjona, Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari
ISBN 978-85-7591-683-4

1. Crítica feminista 2. Crítica literária 3. Literatura brasileira – Crítica e interpretação 4. Literatura espanhola 5. Literatura latino-americana 6. Literatura portuguesa – Crítica e interpretação I. Fiuza, Adriana Aparecida de Figueiredo. II. Pinheiro, Alexandra Santos. III. Medina Arjona, Encarnación. IV. Marcari, Maria de Fatima Alves de Oliveira

23-146027

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Crítica literária 801.95

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Lucia Osana Zolin</i>	
APRESENTAÇÃO	15
<i>Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza, Alexandra Santos Pinheiro, Encarnación Medina Arjona Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcarí</i>	
INTRODUCCIÓN – LOS FEMINISMOS EN LAS LITERATURAS HISPÁNICAS	19
<i>Brígida M. Pastor</i>	
LÉLIA GONZALEZ	55
<i>Eurídice Figueiredo</i>	
ALICIA PULEO Y EL ECOFEMINISMO	71
<i>Encarnación Medina Arjona</i>	
RITA TEREZINHA SCHMIDT: CRÍTICA, REVISIONISTA, CONTESTADORA.	85
<i>Alexandra Santos Pinheiro e Paulo Henrique Pressotto</i>	
CÈLIA AMORÓS PUENTE	105
<i>María Luisa Femenías</i>	

ANA DE MIGUEL, DE LA HISTORIA DEL FEMINISMO AL MITO DE LA LIBRE ELECCIÓN.	125
<i>María Dolores Aybar Ramírez</i>	
MARÍA LUGONES: CAMINHOS PARA UM FEMINISMO DECOLONIAL	149
<i>Geovana Quinalha de Oliveira e Marta Francisco de Oliveira</i>	
LUZ MARY GIRALDO, UNA FIGURA POLIFACÉTICA DE LA LITERATURA COLOMBIANA Y SU CONTRIBUCIÓN A LA LITERATURA FEMENINA.	167
<i>Mehmet Ilgürel</i>	
“MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO”, DE GRADA KILOMBA: UM PROCESSO TERAPÊUTICO MULTIDISCIPLINAR EM PROL DA CURA DO TRAUMA COLONIAL E RACIAL . . .	191
<i>Algemira de Macêdo Mendes e Shaianna da Costa Araújo</i>	
A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS DE 1974 NA VOZ DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN: FAZENDO DA POESIA LIBERDADE.	213
<i>Simone Maria Martins e João Carlos Relvão Caetano</i>	
ARQUEOLOGIA LITERÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DE ZAHIDÉ MUZART PARA A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA NO BRASIL	237
<i>Eliane do Amaral Campello e Rosana Cássia dos Santos</i>	
TRANSFERÊNCIAS EM MARIA TERESA HORTA: O (DES)TECER DA MEMÓRIA	259
<i>Elizete Albina Ferreira</i>	
FEMINISMO DESCOLONIAL EM TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA – O QUE NOS ENSINA YUDERKIS ESPINOSA MINÓSO	277
<i>Lilíam Ramos</i>	
ROSARIO CASTELLANOS, PIONEIRA DO FEMINISMO MEXICANO	303
<i>Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari e Fernanda Aparecida Ribeiro</i>	
AUTORAS E AUTORES	319

PREFÁCIO

Essa primorosa coletânea de ensaios, organizada pelas pesquisadoras Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza (UEL/CNPq), Alexandra Santos Pinheiro (UFGD/CNPq), Encarnación Medina Arjona (Universidad de Jaén) e Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcarí (Unesp), sobre a Crítica literária feminista ibero-americana (América Latina-Espanha-Portugal), nasce com o propósito de promover a visibilidade das precursoras da crítica feminista cujos olhares se voltam para a realidade literária, identitária, econômica, cultural e étnica de seus países. As empreitadas de importantes, e, quase sempre, pouco conhecidas, pensadoras feministas ibero-americanas, compreendem percursos teóricos que, ao comportarem a realidade concreta de mulheres que integram as periferias dos centros de poder, colocam em evidência a urgência de se priorizar a interseccionalidade de marcadores socioculturais que incidem sobre o modo como elas são constituídas como sujeitos femininos e inseridas na sociedade. Iluminar tais iniciativas implica atender a uma demanda assentada na necessidade de diminuir a dependência teórica de países como os Estados Unidos, de onde vem as mais consolidadas e difundidas linhas de pensamento feminista na perspectiva decolonial.

A coletânea tem como texto de abertura, uma introdução assinada pela professora e pesquisadora Brígida Pastor, que constrói uma memória dos últimos 50 anos dos estudos de gênero, destacando

as conquistas no campo da literatura e da vida social. Sem dúvida, ao chamar a atenção para os obstáculos que foram superados, Pastor proporciona uma melhor compreensão conceitual e histórica do que será destacado nos capítulos que compõe o presente livro.

É com esse intuito que Eurídice Figueiredo abre as reflexões do volume colocando luz na trajetória intelectual de Lélia Gonzalez, uma das mais expressivas disseminadoras do feminismo negro no Brasil, cujas primeiras empreitadas datam da década de 1970. O texto de Eurídice Figueiredo se oferece como um importante sinalizador dos caminhos crítico-teóricos trilhados por Gonzalez, como o combate à ideologia do branqueamento a que são submetidas as mulheres negras no Brasil, a necessidade de valorização das heranças culturais africanas que permeiam o país, como o “pretuguês” e o candomblé; bem como a problematização da pretensa democracia racial brasileira, alicerce do feminismo branco dos anos 1970/80 que, do alto da classe média-alta, ignorava a maneira com que a raça e a classe social afetava a vida das mulheres negras, mestiças e indígenas e das mulheres operárias e empregadas domésticas. Figueiredo destaca também a participação de Gonzalez na criação do Movimento Negro Unificado (1978), a criação do Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (1983), sua atuação como professora universitária, como conferencista internacional, sempre aglutinando os movimentos feminista e o negro. Trata-se, enfim, de abrir as reflexões acerca da crítica feminista iberoamericana iluminando, com muita maestria, a luta de Lélia Gonzalez pela transformação das mulheres negras objetificadas – faladas pelos outros – a sujeitos do próprio discurso, “porque não basta só se opor ao racismo, é preciso tornar-se sujeito, atuar na cena pública, sair da invisibilidade e da clichêização em que as mulheres negras foram colocadas”.

No capítulo, *Alicia Puleo y el Ecofeminismo*, a pesquisadora Encarnación Medina Arjona traz uma excelente reflexão sobre a contribuição de Alicia Helda Puleo García, nascida na Argentina e radicada na Espanha, sobre a crítica ecofeminista. Arjona ocupa-se em demonstrar a maneira pela qual os textos de Puleo têm

sido considerados a base teórica da Rede Ecofeminista criada em Madri em 2012. A precursora do Ecofeminismo crítico na Espanha empenha-se em sistematizar uma maneira de combinar a razão do feminismo da igualdade com a afetividade do feminismo da diferença, de modo que o feminismo esteja aberto às novas demandas do universo feminino, irremediavelmente marcado pela crise ecológica e nossa relação com a natureza não humana. Trata-se de pensar de outra perspectiva sobre a urgência das mudanças climáticas sem voltar atrás no caminho percorrido pelo feminismo, salienta Arjona.

Dando continuidade a essa importante visada por entre as tendências da crítica literária feminista ibero-americana, Alexandra Santos Pinheiro e Henrique Pressotto, em *Rita Terezinha Schmidt: crítica, revisionista, contestadora*, colocam em perspectiva a produção teórica de Rita Terezinha Schmidt, de caráter revisionista e de contestação do cânone, empenhada em resgatar nomes de escritoras que, ao longo da historiografia literária brasileira, foram invisibilizados. Os autores enfocam a trajetória crítico-teórica de Schmidt a partir de cinco de seus ensaios, selecionados dentre os publicados nas duas últimas décadas, os quais aprofundam “os conceitos do Cânone e da literatura nacional, da diferença, da ideologia, da negritude, da Crítica Feminista, da Identidade Cultural, agregando a eles novas perspectivas conceituais como pós-colonialidade, decoloniadade e memória”. Trata-se, sobretudo, de demonstrar o modo como a teórica brasileira mergulha fundo no resgate do valor cultural presente nos textos escritos por mulheres revisitados, ao mesmo tempo em que constata a importância da crítica literária feminista para, de um lado, revitalizar a historiografia literária, antes empenhada na exclusão das vozes femininas, e, de outro, desnudar constantes hierarquizantes nas relações de gênero, com vistas ao declínio do patriarcado e à desconstrução dos binarismos a ele relacionados.

María Luisa Femenías se debruça sobre o feminismo filosófico de *Cèlia Amorós Puente*, empenhado em desconstruir a ordem patriarcal, feita para homens e pelos homens, e resgatar

a legitimidade do direito das mulheres, histórica e filosoficamente solapado por sua estrutura. Tal ordem invisibiliza e exclui as pessoas do gênero feminino do rol de pessoas ético-políticas. A filósofa, como bem explicita Femenías ao longo do texto, propõe um diálogo vivo entre a filosofia, o feminismo e seu tempo, de modo a expurgar a tradição filosófica de seu viés androcêntrico, abrindo espaço para se debater o modo como as sociedades contemporâneas continuam fomentando a subordinação, a opressão e a exclusão das mulheres, escamoteadas sob a pele da pretensa igualdade de gênero e da exclusão de outros saberes. O capítulo se ocupa ainda de apresentar aspectos gerais da vasta produção teórica da filósofa espanhola, salientando o seu triplo ponto de partida: os conceitos de igualdade e universalidade, recuperados da tradição feminista que nasceu com o Iluminismo e problematizados; sua formação marxista que a torna sensível a questões como o trabalho invisível das mulheres e a feminização da pobreza; e o existencialismo de Sartre e Beauvoir, do qual toma emprestadas algumas categorias, além dos desafios que toda práxis exige diante das teorias.

María Dolores Aybar Ramírez, por sua vez, apresenta a trajetória da filósofa Ana de Miguel, no capítulo intitulado, *Ana de Miguel, de la historia del feminismo al mito de la libre elección*. O capítulo destaca a parceria de Ana de Miguel e Cèlia Amorós, que publicam em coautoria os 3 volumes da Teoria feminista (2005), obra fundamental que abrange toda a história do feminismo. Assim como outras pensadoras contemporâneas, como Cèlia Amorós e Amelia Valcárcel, Ana de Miguel promoveu uma ruptura dos ideais da época ao recusar a mística da feminilidade (Betty Friedan), conclamando as mulheres a ocuparem politicamente espaços públicos e privados.

O capítulo que segue, assinado por Geovana Quinalha de Oliveira e Marta Francisco de Oliveira, intitulado *María Lugones: caminos para um feminismo decolonial*, ocupa-se de iluminar dois importantes conceitos que permeiam o feminismo decolonial de María Lugones, socióloga e feminista argentina, radicada nos Estados Unidos, os quais estão presentes nos textos *Rumo a um feminismo*

descolonial (2014), *Colonialidade e gênero* (2020) e *Multiculturalismo radical y feminismos de Mujeres de Color* (2005). São eles: 1) o movimento de coalizão dos múltiplos sistemas de opressão a que foram/são submetidas as mulheres do Sul Global, sujeitos subalternos, sistematizado na intersecção de gênero, classe, raça/etnia, localização e sexualidade, visando uma lógica de resistência; e 2) a centralidade do gênero na construção das relações coloniais de poder. Ao longo de suas reflexões, Quinalha de Oliveira e Oliveira salientam a importância do conceito de colonialidade de gênero proposto por Lugones para os feminismos decoloniais, que vão de encontro aos movimentos feministas homogeneizantes e às próprias teorias decoloniais que, até então, dispensaram pouca atenção à categoria de gênero. Para além de sistematizar os pilares sobre os quais se desenvolve o feminismo decolonial de Lugones, as autoras vão costurando por entre o texto os caminhos trilhados pelo grupo de pesquisa que integram – *Crítica Feminista e Autoria Feminina: cultura, identidade* –, de e com a intelectual, para desenvolver suas pesquisas.

Em *Luz Mary Giraldo, una figura polifacética de la literatura colombiana y su contribución a la literatura femenina*, esse instigante passeio em meio a algumas das principais iniciativas da crítica feminista ibero-americana chega, pelas mãos de Mehmet Ilgürel, à obra da crítica literária, poetisa e professora universitária colombiana, cujas análises empreendidas nos prólogos das antologias de literatura de autoria feminina que organiza, o conteúdo de suas aulas em diversas IES do país, assim como as demais publicações da autora no âmbito da crítica literária feminista, contribuem sobremaneira para com o desenvolvimento do pensamento crítico feminista na Colômbia. Ao analisar a atuação das mulheres escritoras colombianas, Giraldo destaca a contribuição de suas vozes para a compreensão das mentalidades de seu tempo, e sustenta que a leitura crítica de suas obras faz avultar nomes que deveriam, sim, integrar o cânone literário colombiano, a despeito de as autoridades só valorizarem os autores masculinos. Nesse capítulo, Ilgürel nos brinda com uma instigante

visada acerca de suas análises, as quais promovem o resgate de nomes importantes da história literária colombiana, até então invisibilizados.

Em “*Memórias da plantação*”, de Grada Kilomba: *um processo terapêutico multidisciplinar em prol da cura do trauma colonial e racial*, Algemira de Macêdo Mendes e Shaianna da Costa Araújo enfocam os percursos epistêmicos trilhados pela pesquisadora, psicanalista, filósofa, escritora e artista multidisciplinar portuguesa Grada Kilomba, na obra referenciada no título do capítulo, publicada em Portugal e no Brasil em 2019. “*Memórias da plantação*” remete ao *plantation*, modelo de organização econômica aplicado por países colonizadores nas terras invadidas, cujos pilares eram a mão de obra escravizada, o latifúndio, a monocultura e a priorização do mercado exterior. Sendo assim, conforme explicam as autoras, o nome da obra já antecipa que as “memórias” em questão guardam estreita relação com os episódios de racismo cotidiano verificado nos tempos atuais. Trata-se de abordar os problemas de racismo e sexismo e de emular um processo terapêutico desde o reconhecimento do trauma, passando pela identificação das políticas específicas que renovam a ferida, até o processo de cura. Suas estratégias, são primorosamente demonstradas por Mendes e Araújo, ao longo da compilação de cada um dos capítulos dessa importante contribuição da crítica feminista portuguesa, assentada na premissa de que escrever é um ato político.

Em *A Revolução dos Cravos de 1974 na Voz de Sophia de Mello Breyner Andresen: fazendo da poesia liberdade*, Simone Maria Martins e João Carlos Relvão Caetano apresentam uma incursão pela influência da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen na Revolução dos Cravos e na conseqüente instauração da democracia em Portugal. Embora o texto não trate especificamente de crítica literária feminista, mostra a força da escritora que, a despeito do contexto de opressão em que se inseria, constrói uma vasta obra marcada pelo desejo de intervenção no processo político e histórico do país, no sentido de resgatar a liberdade e a dignidade da gente portuguesa.

Também Elizete Albina Ferreira, em *Transferências em Maria Teresa Horta: o (des)tecer da memória*, o nono capítulo dessa trajetória crítica, enfoca a contribuição literária da jornalista e

escritora portuguesa contemporânea Maria Teresa Horta para o feminismo, oferecendo uma leitura cuidadosa de um de seus contos, “Transfert”, a partir do qual destaca estratégias narrativas que problematizam a opressão sofrida pelas mulheres em função da misoginia do sistema patriarcal.

Na parada seguinte desse itinerário da crítica literária feminista ibero-americana, *Arqueologia Literária: a contribuição de Zahidé Muzart para a Crítica Literária Feminista no Brasil*, Eliane do Amaral Campello e Rosana Cássia dos Santos nos oferecem uma generosa apresentação de uma das mais importantes representantes do feminismo crítico literário no Brasil – Zahidé Muzart. A pesquisadora constituiu um vasto material bibliográfico acerca de escritoras oitocentistas brasileiras, perpassando as esferas da teoria, da crítica e da historiografia literárias. As autoras colocam em destaque sua atuação à frente da Editora Mulheres e a coordenação do imprescindível trabalho de resgate de escritoras invisibilizadas e silenciadas pelas estruturas patriarcais, as quais sempre relegaram apenas aos indivíduos do sexo masculino o privilégio de constituir o universo das Letras. Os três densos volumes da antologia crítica *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizados por Muzart, mudam a perspectiva da história da literatura brasileira.

Em *Feminismo descolonial em tradução na América Latina – e o que eu, uma mulher branca, tenho a ver com isso?*, Lílian Ramos, tendo traduzido o livro *Textos Seleccionados* (2017) Yuderky Espinosa-Miñoso – filósofa feminista afro-caribenha, lésbica, com experiência concreta antirracista e descolonial –, propõe-se a discutir a terminologia inclusiva e antirracista empregada nesse material, problematizar o número reduzido de feministas latino-americanas traduzidas para o português, e o modo como, a partir do seu lugar de fala – mulher branca, heterossexual, feminista, professora universitária –, pode, junto com seus pares, assumir uma responsabilidade histórica com a transformação da vida de mulheres amefricanas e ameríndias. De modo a não apenas atuar no campo dos estudos interseccionais sobre desigualdades étnico-raciais, de gênero, de sexualidade e de classe, mas também promover a inserção dessas mulheres nas universidades. Só assim essas mulheres, avalia a pesquisadora, marcadas que são por um sistema de opressão interseccionado por múltiplas variantes,

poderiam falar por elas mesmas, ao invés de suas causas serem apenas os objetos de discursos hegemônicos na academia.

Para fechar esse itinerário da crítica literária feminista ibero-americana, Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari e Fernanda Aparecida Ribeiro contemplam um de seus pilares fundacionais – a contribuição da mexicana Rosario Castellanos (1924-1975), cuja obra abarca gêneros como ensaios, romances, poesias, contos e teatro, os quais antecipam os temas caros aos estudos feministas latino-americanos recentes. Em *Rosario Castellanos, pioneira do feminismo mexicano*, as autoras, a partir de um recorte da obra da intelectual que compreende aspectos de sua ensaística, dois contos de *Álbum de familia* (1971), e a peça teatral *El eterno femenino* (1975), demonstram o modo como ela problematiza os valores e as convenções do discurso machista, abordando temas como a idealização e a anulação da mulher pela cultura patriarcal. Por outro lado, salientam que a escritora dá voz às suas personagens, as quais, por meio de estratégias como a ironia e os não-ditos, questionam os cerceamentos patriarcais e defendem o agenciamento de suas vidas. As autoras concluem que o feminismo existencialista de Castellanos consiste em uma contribuição inestimável para o feminismo latino-americano.

É a partir desse itinerário que o livro *Crítica literária feminista ibero-americana: perspectivas transatlânticas* se oferece como um oportuno panorama das principais perspectivas do feminismo crítico da América Latina, Espanha e Portugal. Trata-se de preencher uma lacuna epistemológica com as vozes feministas oriundas de periferias da hegemonia cultural norte-americana – branca, de classes abastadas, heteronormativa –, a partir de uma pluralidade de enfoques empenhados em desbancar formas veladas de subalternidade e de colonialidade femininas, alavancando o feminismo decolonial entre nós. A partir desse lugar de fala, corpos femininos amefricanos e ameríndios, LGBTQI+ e pobres importam. Eis um livro importante e necessário! Tenham todas uma ótima e produtiva leitura!

Lucia Osana Zolin

Universidade Estadual de Maringá

APRESENTAÇÃO

O livro *A crítica literária feminista ibero-americana: perspectivas transatlânticas* foi concebido pelo grupo de pesquisa «Crítica Feminista e Autoria Feminina: Cultura, Memória e Identidade». O grupo é composto por pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições brasileiras e estrangeiras, incluindo suas orientandas e orientandos. Devidamente cadastrado no CNPq, realiza várias atividades, como estudos mensais sobre literatura e crítica feminista, compartilhamento de aulas em programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, proposição de dossiês em periódicos nacionais e internacionais, além de um evento anual que conta com a participação de escritoras e estudiosas do campo da autoria feminina.

Esta publicação é a primeira coletânea organizada pelo grupo e tem o objetivo de reunir a análise acerca das obras de críticas feministas da América Latina-Espanha-Portugal, configurando, assim, um espaço de visibilidade e de homenagem às precursoras da crítica literária feminista que atuaram/atuam em um contexto ibero-americano, mulheres que contribuíram para estabelecer um olhar sobre a literatura a partir da identidade, da economia, da cultura e da etnicidade de seus países.

Do diálogo constante com as pessoas que participam do grupo, percebemos a necessidade de reunir estudos críticos que pudessem abarcar o espaço crítico feminista, principalmente,

da América Latina, em diálogo também com a Ibero-América. Acreditamos que esse vínculo é permanente e se reflete na contemporaneidade, sobretudo porque somos o resultado de vários processos de dominação colonial, que reproduziram a estrutura patriarcal de suas sociedades. Essa estrutura patriarcal de organização social foi transplantada para a América Latina no momento da invasão e colonização deste espaço (Lugones 2008).

O desejo de trabalhar em parceria move o grupo de pesquisa e, assim, não poderia ser diferente que a primeira obra fosse coletiva, com autoras e autores convidados, de Universidades e espaços diversos, na tentativa de que pudéssemos representar, ainda que de maneira simbólica, as discussões teóricas e analíticas que se realizam na América Latina, na Espanha e em Portugal. Partimos de uma visão interseccional (Crenshaw 2002), relacionando ao feminismo, além das questões de gênero inerentes aos estudos feministas e de autoria feminina, as categorias de raça/etnia, classe social e orientação sexual. É também um estudo transdisciplinar, ao encontrarmos com textos que se preocupam com discussões sobre o ecofeminismo.

Para prefaciarmos a obra, contamos com a leitura atenta dos capítulos da professora Lucia Osana Zolin, que realiza uma acurada apresentação dos temas e das autoras e autores que se decolonizam aqui, com suas leituras e escrituras emancipadoras. A professora e pesquisadora Brigida Pastor, por sua vez, nos oferece um capítulo introdutório, em que faz um panorama geral sobre a crítica feminista no contexto europeu e latino-americano. Com a mesma gratidão à professora Lucia, não podemos deixar de agradecer às autoras e aos autores pela contribuição dos capítulos, o que possibilitou a construção desta publicação feita a muitas mãos e com muitos braços para abraçar o feminino.

Há que se salientar a importância e a dificuldade de uma publicação coletiva, que contemple os feminismos em sua pluralidade, ao mesmo tempo em que se percebe como se torna essencial a coletividade para uma efetiva prática feminista decolonial. Esta pluralidade de vozes de críticas feministas ibero-

americanas, como ocorre em todo processo de inclusão e exclusão, não foi plenamente contemplada nesta coletânea. Muitas críticas estão ausentes, o que já anuncia que não pararemos por aqui. Assim sendo, para finalizar, recordamos as palavras de Heloisa Buarque de Hollanda: “temos uma longa estrada a ser percorrida até que todas as mulheres se sintam iguais e articuladas na defesa de seus direitos” (Hollanda 2022, p. 217).

Resta-nos convidar as leitoras e os leitores a percorrerem o caminho da crítica feminista que se apresenta nesta obra, na intenção de ampliar ainda mais o debate e as (re)visões que se possam suscitar a partir do diálogo com as várias teorias e práticas que aqui se colocam. Esperamos que estes textos possam circular pelos espaços latino-americanos, ibero-americano e outros mais que queiram se inserir no diálogo decolonial.

Desejamos uma excelente leitura!

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza
Alexandra Santos Pinheiro
Encarnación Medina Arjona
Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari

Referências

- CRENSHAW, Kimberle. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.” *Estudos Feministas*, ano 10, vol. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13/09/2022.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Feminista, eu?: literatura, cinema novo e MPB*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- LUGONES, María. “Colonialidad y Género.” *Tabula Rasa*, nº 9, Bogotá, Colombia, pp. 75-101, jul/dez. 2008.